

---

# COMPILAÇÃO DE EMAILS NA LISTA DA ANPPOM PÓS-CONGRESSO 2017

---

Documento compilado por Renato Borges, entre 02/09 e 22/10/2017, a pedido da Diretoria da ANPPOM, e revisado por Martha Uihôa, Angela Lühning e Flávia Toni.

A presente compilação busca apresentar as principais questões e sugestões que surgiram na troca de e-mails por diversos associados após o Congresso da ANPPOM (2017).

---

## Questões, propostas e dados

---

### Questões a serem discutidas

- Análise da ANPPOM e dos seus congressos em comparação com outras associações (ANPOCS, ANPED, ABEM, ABRACE, etc.). Quais aspectos e problemas há em comum?
  - Baixa fidelidade dos associados – seria específico da ANPPOM?
    - Público rotativo por causa de programação defasada? Locais ruins? Pouca divulgação ou falta de convite? Pouca consciência em relação a representatividade da associação?
    - Questão geracional? ANPPOM atinge ou representa uma geração mais velha? O que a geração jovem considera importante?
    - ANPPOM e relação com outras associações mais recentes na área de música: há “migração” de membros para outras associações específicas de subáreas por que?
    - Congresso como elo entre a ANPPOM e os associados, apenas como um espaço de publicação e pessoa jurídica de legitimação formal de uma classe? Associação como “obrigação” para publicação nos anais dos congressos ou na OPUS?
- Perfil dos associados: tempo de filiação, IES e local de origem dos associados
  - Tempo de associação, quantidade de congressos de que participou, cidades de residência, cidades de realização dos congressos
- Perfil do congresso
  - Temas vigentes não contemplados atualmente
    - Mercado de trabalho para egressos
    - Formação de orientadores e professores de nível superior
    - História da trajetória da carreira do magistério superior (contratação, concurso, etc.)
    - Inflexibilidade e defasagem dos currículos
    - Maternidade, paternidade e vínculo empregatício na pós-graduação
- (Des)articulação e (des)interesse
  - Falta de representantes de outras associações (e “associação das associações”)
  - Ausência de representantes de editoras especializadas
  - Baixa frequência de coordenadores dos PPG de música no congresso da ANPPOM
    - Razão da baixa frequência dos coordenadores? Sintomática? Acessibilidade geográfica/financeira? Congresso longo demais? Pouca identificação?
  - Desinteresse pelo coletivo (área), apesar da necessidade de fortalece-lo (situação política)

- Possíveis causas: falta de presença política da ANPPOM junto a órgãos governamentais, políticas, públicas, manifestação públicas, criação de outros eventos pelos PPGM que dão vazão à produção dos PPG
- Sintomas
  - Falta de medidas coordenadas entre os PPG no país
  - A ANPPOM não ser consultada ou convidada a integrar grupos de trabalhos, conselhos, equipes similares (ABNT, Congresso, Ministérios, Secretarias, etc.)
  - A ANPPOM não tem representantes atuando em decisões de Normas e definições de políticas públicas (fora a representação de área CNPq/CAPES)
- Desvalorização da participação no evento
  - Desconsideração, em provas de títulos, do quesito “associações das quais o candidato faz parte”
  - Participações em congressos não valem muito nos sistemas de avaliação da CAPES
  - Publicações em ata/anais não são consideradas relevantes
  - Tempo e dinheiro gastos com participações em congressos não se justificam pelo pouco texto e pouco tempo de apresentação (não exclusivo da ANPPOM)
- Ausência de algumas temáticas atualmente relevantes, como os estudos de gênero
- Importância da associação
  - Impacto...
    - Da facilidade de comunicação entre os pesquisadores e de acesso às revistas?
    - No enfrentamento de dificuldades (falta de financiamento público)
  - Reflexão crítica na e sobre a área
  - Fortalecimento político enquanto área
  - Inserção consciente dos pesquisadores mais jovens
- Significados, para docentes e discentes, em participar de um PPG?
  - Interesses pessoais e coletivos? Direitos? Possibilidades? Compromissos? A pesquisa continua associada aos PPG ou está (também ou até mais) em outros níveis? Quais são os problemas dos PPG brasileiros em geral e na música?

## Propostas

A serem tratadas em fóruns de discussão, lista, GT a serem criados ou sessões plenárias ou a serem levantados por pessoas interessadas a contribuir.

- Perfil da associação e dos associados
  - Discutir o perfil da associação: quem somos? para onde queremos ou precisamos ir?
  - Maior envolvimento
    - Levantamento e reflexão sobre a visão da geração mais nova sobre a ANPPOM
    - Abertura da lista de mensagens para qualquer interessado
  - Levantamento sobre pessoas que depois do mestrado/doutorado não entraram na carreira docente em nível superior. Quais são as efetivas possibilidades de atuação profissional, entendendo a não entrada em uma IES como uma alternativa real, viável e necessário (e não como fracasso)? (isso poderia levar a uma atuação coletiva em cada um dos PPG)
  - Maior atuação política
    - Como nos casos: feminicídio da nossa colega Mayara, os cortes nas verbas de fomento, o desmanche da UERJ, a publicação de declarações racistas de um 'maestro' em órgão de imprensa, etc.

- Anuidades e inscrições
  - Rever política de valores
    - Anuidades e inscrições obrigatórias para todos os sócios (ver aviso no site da ANPOCS)
    - Valores baixos para estudantes de graduação ou para todos os estudantes?
    - Levantamento de associações na área de música (quantidade, ano de criação, proposta, perfil, número de associados, valor de anuidade, etc.)
  - Organização de fundos para financiamento a alunos que não têm bolsa ou dinheiro para participar do Congresso: Brechó de livros e discos antigos, rifas, etc.
- Congresso
  - Em próximos encontros ou ações prever e preparar envolvimento e presença de...
    - representantes de outras associações de pós-graduação (ANPOCS, ANPED, ABRACE, etc.)
    - representantes de outras associações de música (para isso realizar levantamento)
    - representantes de música de associações de pós-graduandos (quais IES tem?)
  - Áreas e subáreas
    - Critérios para a organização das áreas? Atualmente inclui metodologias e referências teóricas; objetos de estudos; nem um nem outro; os dois.
    - Abrigar todas as áreas e subáreas, independentemente do número de interessados ou dividir as subáreas de modo mais racional e representadas por um número mais equilibrado de trabalhos, evitando a hipertrofia temática que leva à fragmentação dos participantes, a dúvidas na hora de submeter trabalhos, e a pouco comprometimento com o congresso e com a associação
    - Dificuldade em atender demandas de estudos interdisciplinares. Atenção à formação de “representatividades” verticais em detrimento de interesses horizontais.
  - Realização de simpósios temáticos, como forma de oportunizar outras temáticas e acolher diversidade de pensamento, devido ao acesso direto entre proponentes e coordenação.
    - Simpósio temático como possibilidade de presença dos estudos de gênero no Congresso.
  - Envolvimento de recém-doutores nas atividades avaliativas, organizativas e decisórias
    - Novo formato nos pares de avaliadores em Teoria e Análise Musical (ANPPOM-2017): um parecerista recém-doutor e um experiente (sendo o desempate por outro experiente).
    - Experiência no EITAM4 (2017): cada conferência contou também com 3 debatedores (recém-doutores ou doutorandos), que mantiveram contato com os respectivos conferencistas durante os dois meses antecedentes ao evento.
  - GT terem função política para pensar a ANPPOM, os PPG e a área. O espaço das comunicações seria mantido para função científica (sugestão trazida pelo GT “Composição, Teoria e Análise Musical” na ANPPOM-2017).
    - Sugestões para o Documento da Área de Música (discussão de cada ponto do documento, com sugestões a serem consideradas na próxima redação)
    - Avaliação e levantamento das áreas de concentração e linhas de pesquisa dos PPG de música
    - Análise de situações e proposta de ações para maior integração entre graduação e pós-graduação
    - Análise e avaliação das subáreas e temas das sessões de comunicação da ANPPOM, com sugestões para constante reelaboração das propostas de comunicações e painéis
    - Desafios e proposições dos coordenadores de pesquisa dos Deptos. de Música, em adição aos coordenadores de pós-graduação

- GT contemplarem demandas da comunidade de sócios regulares (além dos GT com base em debates nas assembleias e o que está acontecendo nos PPGMUS)
- Espaço para recitais-palestras, oficinais e outras atividades propostas pelos associados
  - Recitais-palestras, com a narrativa dos compositores sobre a criação da obra ou a narrativa sobre a preparação da performance, seguida da audição da música.
  - Oficinas, com proposta de criação coletiva

## Dados

ASSOCIADOS ANPPOM em 25 de agosto de 2017

1580 ASSOCIADOS ATIVOS – migrados de cadastros anteriores

1093 ANUIDADES PAGAS ENTRE 2015 E 2017

Em março de 2017 houve a migração para o novo sistema (registrando anuidades desde 2015)

346 PAGAS EM 2017

477 PAGAS EM 2016 / 1392 EM ABERTO

270 PAGAS EM 2015 / 641 EM ABERTO EM 2015 = 911 CADASTROS

Entre 2009 e 2017, num total de 665 nomes (total de associados), há 311 saídas, 42 permanências (anuidades pagas em 2017) e 312 entradas ou seja, a permanência de apenas 6,3%.

~

220 autores que submeteram comunicações para Composição ou Teoria e Análise Musical na ANPPOM entre 2012 e 2016, apenas oito (3,6%) autores estavam presentes nas cinco edições e nada menos que 160 (72,7%) apresentaram em apenas um ano.

Mais dados nas últimas duas comunicações dos anais do II Congresso da TeMA:

[https://drive.google.com/file/d/0B25FEDImmu\\_uLVFwZ0JDREZiQ3c/view](https://drive.google.com/file/d/0B25FEDImmu_uLVFwZ0JDREZiQ3c/view)

## Anexo: Linhas de pesquisa de PPG em música no Brasil (levantamento em 04/09/2017)

PPGMUS-UDESC

1. Processos e Práticas em Educação Musical
2. Música e Sociedade
3. Processos Criativos em Interpretação e Composição Musical

PPGMUS-UFBA

1. Composição e teorias da música: da criação ao ensino
2. Computação musical aplicada
3. Processos, práticas e métodos para formação em música
4. Práticas culturais musicais em perspectiva crítica
5. Processos e práticas em execução musical
6. Memória, documentação e interpretação histórica musicais e relativas à música

PPG MÚSICA-UFG

1. Música, Criação e Expressão
2. Música, Educação e Saúde
3. Música, Cultura e Sociedade

PPGMUS-UFMG

1. Educação Musical
2. Música e Cultura

3. Performance Musical
4. Processos Analíticos e Criativos
5. Sonologia

#### PPGM-UEPB

1. Processos e Práticas Compositivas
2. Processos e Práticas Educativo-Musicais
3. Música, Cultura e Performance
4. História, Estética e Fenomenologia da Música
5. Dimensões Teóricas e Práticas da Interpretação Musical

#### PPGMÚSICA-UFPR

1. Cognição/Educação Musical
2. Composição Musical
3. Musicologia / Etnomusicologia

#### PPGMÚSICA-UFRGS

1. Composição
2. Educação Musical
3. Musicologia/Etnomusicologia
4. Práticas Interpretativas

#### PPGM-UFRJ

1. Música, Educação e Diversidade
2. Etnografia das Práticas Musicais
3. História e Documentação da Música Brasileira e Ibero-americana
4. Poéticas da Criação Musical
5. Práticas Interpretativas e seus Processos Reflexivos

#### PPGMUS-UFRN

1. Processos e Dimensões da Formação em Música
2. Processos e Dimensões da Produção Artística

#### PPGMUS-UFU

1. Processos analíticos, criativos, interpretativos e historiográficos em música
2. Práticas, processos e reflexões em pedagogias em música

#### PPGMUS-UnB

1. Processos e produtos na criação e interpretação musical
2. Concepções e vivências no ensino e aprendizagem da música
3. Teorias e Contextos em Musicologia

#### PPG em Música-UNESP

1. (Mestrado) Abordagens históricas, estéticas e educacionais do processo de criação, transmissão e recepção da linguagem musical
2. (Mestrado) Epistemologia e práxis do processo criativo
3. (Doutorado) Música, Epistemologia e Cultura
4. (Doutorado) Teoria e Práxis do Processo Criativo

#### PPG em Música-UNICAMP

1. Estudos instrumentais e Performance musical
2. Música, Cultura e Sociedade
3. Música, Linguagem e Sonologia

#### PPGM-UNIRIO

1. Ensino-aprendizagem em Música
2. Etnografia das Práticas Musicais
3. Documentação e História da Música
4. Linguagem e Estruturação Musical

5. Processos Criativos em Música
6. Teoria e Prática da Interpretação

PPG em Música-USP

1. Teoria e Análise Musical
2. Musicologia e Etnomusicologia
3. Performance
4. Questões interpretativas
5. Música e educação: processos de criação, ensino e aprendizagem
6. Sonologia: criação e produção sonora

## Mensagens completas

---

As primeiras duas mensagens iniciaram uma discussão, levada a toda a lista da ANPPOM na terceira, pela Martha Ulhôa.

### Angela Lühning – 02/09 21:22

Car em s colegas,

Acho que ainda estou sob certo efeito de “overdose anppomiana” depois de uma semana na Unicamp. Mas precisando retornar as tantas coisas urgentes na próxima semana, a nossa última semana de semestre na UFBA, com várias defesas pela frente, gostaria de aproveitar o momento de lembranças frescas e mandar algumas reflexões para vocês sobre a nossa associação.

Talvez sejam apenas quase devaneios que surgiram a partir das minhas reflexões pessoais e algumas conversas com colegas ao longo do evento ou, então, apenas sejam questões que para vcs não são problemas ou inquietações. A partir desta premissa, mando este rasurado, escrito sem muito rebuscamento ou revisão, para aquelas pessoas com as quais mais conversei, sem nenhuma distinção formal ou institucional, mas apenas pensando na ANPPOM.

Na retrospectiva de poucas horas de retorno algumas coisas chamaram minha atenção, muito a partir do relatório de Margarete que recebi através de minha colega Laila, coordenadora do meu PPGMUS. Pois, me dei conta que pouquíssimos/as coordenadores/as ficaram mais que um ou dois dias no evento. Mas, não seriam eles/ elas as pessoas chaves nesse processo da discussão sobre a Pós-graduação? Não apenas no encontro temático/ técnico, mas em geral?

Quer dizer, a sua ausência seria algo sintomático e mais profundo? Ou seria apenas uma questão de “acessibilidade” geográfica ou financeira, com a atual situação de contenção de gastos? Ou seria o período de duração, bastante longo para permitir a participação de mais pessoas? Ou teria ainda outras explicações também para a baixa adesão e os números estagnados, se não números em queda, de associados/ participantes efetivos (como Mannis mostrou)?

Parece que a ANPPOM é de quem está lá, um pequeno grupo que quase sempre está lá (não estou criando tautologia, mas querendo ser mais incisiva), mas ela não parece ser daqueles tantos outros que foram alguma vez só e não voltaram depois de ter apresentado um trabalho, situação provavelmente sugerido pelo orientador, ou daqueles que nunca foram, mas são de uma programação de pós-graduação em música. Por que? Quais seriam os possíveis motivos?

A ANPPOM não seria (ou deveria ser) a representação coletiva da pós em música? Pelo menos para isso ela foi criada. Portanto, pergunto o que podemos fazer para que ela se torne um objeto de desejo das pessoas (não no sentido comercial/ capitalista), mas no sentido da importância intrínseca? Será que falta divulgação, convite, conscientização, uma programação “na crista da onda”, lugares aprazíveis? (O último palestrante mencionou a questão do turismo acadêmico). Quais temas, formatos, procedimentos fariam parte de um “pacote” interessante?

Ou então, trata-se de uma questão geracional? Pois, observem a quantidade de cabeças grisalhas (ou retocadas): em todos os encontros há mais pessoas de minha/ nossa faixa etária, do que os (bem) mais novos, a não ser os estudantes da IES anfitriã. Como seria possível reverter

isso? As questões da ANPPOM foram (e ainda são) importantes apenas para um público específico, mas não mais para um outro, mais novo? Isso acontece também em outras associações (na ANPOCS, na ANPED, p.ex.)? O que a geração jovem considera importante?

Seria interessante fazer um estudo de levantamento destas informações nas inscrições, no banco de dados de sócios, quantos são de longas datas, desde quando, quantos foram apenas uma ou duas vezes, qual o recorte geracional específico em termos estatísticos? Poderia até cruzar-se os dados de origem geográfica e locais de encontro, mesmo que estes, efetivamente tem acontecido mais no Sudeste (o que, obviamente tem a ver com a própria distribuição da Pós no país). Isso seria um caminho para nos conhecermos e entendermos melhor?

Em relação ao perfil dos congressos, faria sentido propor a discussão plenária específica de temas que nos atormentam (ou pelo menos deveriam nos preocupar) e já surgiram em parte neste nosso último encontro: o mercado de trabalho para egressos (e futuros ingressantes), a formação de orientadores e professores de nível superior, uma abordagem detida sobre a própria história da trajetória da carreira de magistério superior (a questão de contratação/ concurso, desde quando etc.), a inflexibilidade e defasagem dos currículos, a questão de pós-graduandos que são pais e mães de família, trabalham etc.? Ou então, ter a presença de representantes de outras associações enquanto não existir a associação das associações, vislumbrada na última mesa.

### **José Augusto Mannis – 03/09 11:18**

Angela

Agradeço por sua msg bem como pelo excelente relato do GT de Ética com ótimas sugestões.

Busco atender a seu e-mail como um apelo silencioso de todos. Esta não é uma crítica que estou fazendo, apenas externando uma impressão pessoal que entendo pertinente 'as suas colocações.

Sinto que o único elo entre a ANPPOM e os associados seja o Congresso, como um espaço de publicação e uma pessoa jurídica de legitimação formal de uma classe. Infelizmente nada mais além disso.

A efetiva integração entre os programas não consigo avaliar, mas de onde estou nunca ouço que alguma medida ou implementação está sendo tomada ao meu redor de maneira coordenada entre todos os programas no país.

Isso caracteriza praticamente uma relação unívoca entre os membros e a associação, na qual cada um busca tirar o proveito do qual necessita.

Esse desinteresse do indivíduo pelo grupo coletivo pode ter várias causas.

Uma delas sinto estar acontecendo desde muitos anos: a falta de presença política da ANPPOM junto a órgãos governamentais, políticas públicas, manifestações públicas representando a classe diante de acontecimentos impactantes.

A parte as representações de Área permanentes CAPES e CNPq que é uma conquista que estamos mantendo muito bem, não somos consultados nem convidados a integrar grupos

de trabalho, conselhos, equipes como outras associações similares (ABNT, Congresso, Ministérios, Secretarias etc.) de caráter extraordinário. Não temos representantes atuando em decisões de Normas e definição de Políticas públicas fora da nossa representação de Área CNPq CAPES que está estável.

Parece que incorporamos o complexo de que não somos ouvidos e que não somos importantes, não sei de talvez pelo universo de associados que nem chega a 2.000 membros, nossa opinião não pudesse contar muito. Porém, pessoalmente acredito mais na qualidade de ação do que na quantidade de ações.

Os associados poderiam despertar mais interesse e motivação por uma associação que visivelmente demonstrasse estar se mobilizando pelas causas coletivas da classe. Que se mostrasse forte, presente, ágil, ativa e propositiva diante de acontecimentos que nos afetam a todos. Se todos se sentirem amparados e unidos através da ANPPOM todos estarão mais próximos dela.

Repito, esta não é uma crítica, mas uma proposta de visão para tentar enfrentar um problema real e presente.

### **Martha Uihôa – 03/09/2017 12:26**

Prezados, terminado o congresso excelentemente organizado pelo PPG-MUS da UNICAMP, seria bom se pudéssemos avaliar não somente o congresso como também os rumos da ANPPOM.

Na função de secretária me incumbi de organizar o cadastro e os números que tenho são meio desanimadores. Pouquíssimas pessoas consideram relevante ser membros da ANPPOM a não ser que estejam publicando nos anais ou na OPUS, quando é mandatória a filiação.

Isto me leva a pensar que está na hora de fazermos uma avaliação crítica da atuação da associação e do que queremos dela. Sei que a diretoria atual (estou saindo) está organizando várias ações no interesse de alavancar a mesma, mas creio que os associados poderiam se manifestar...

O que achou do congresso? Sua estrutura? O que deve permanecer? O que deve mudar?

E a ANPPOM enquanto instituição?

=====

Para sua informação:

ASSOCIADOS ANPPOM em 25 de agosto de 2017

1580 ASSOCIADOS ATIVOS – migrados de cadastros anteriores

1093 ANUIDADES PAGAS ENTRE 2015 E 2017

Em março de 2017 houve a migração para o novo sistema (registrando anuidades desde 2015)

346 PAGAS EM 2017

477 PAGAS EM 2016 /1392 EM ABERTO

270 PAGAS EM 2015 / 641 EM ABERTO EM 2015 = 911 CADASTROS

Entre 2009 e 2017, num total de 665 nomes (total de associados), há 311 saídas, 42 permanências (anuidades pagas em 2017) e 312 entradas ou seja, a permanência de apenas 6,3%. \*

\*Relatório solicitado por Sonia Albano e realizado por Renato Borges.

Att.

Martha Tupinambá de Ulhôa

PPGM – UNIRIO

Secretária, ANPPOM

### **Carlos Palombini – 03/09/2017 14:01**

Obrigado, Martha, acho que seja uma ótima ideia discutir esse assunto.

Abraço,

Carlos

### **Flavia Camargo Toni – 03/09/2017 22:17 [inclui errata de 03/09 22:19]**

concordo com o Carlos Sandroni [corrigido em email posterior: Carlos Palombini], acho muito importante discutirmos o assunto.

Será que a vida associativa perdeu a importância agora que conseguimos nos comunicar com maior rapidez uns com os outros e também temos acessos às revistas de forma bastante eficiente?

Os congressos estão "fora de moda"?

Flávia

### **Marcos Camara de Castro – 04/09 07:49**

Caros colegas,

Por mais ágil que seja a comunicação nos dias de hoje, o encontro presencial, o contato pessoal é e sempre será insubstituível. Aquela conversa rápida no elevador do hotel; aquele café... Nada substitui o corpo humano, com seu olhar, seu tom de voz e sua postura física.

Abraços associativos!

Marcos

### **Carlos Palombini – 04/09 8:07**

Flávia,

Me parece que a vida associativa agora, quando somos atacados por todos os lados, seja mais importante do que nunca. Pude constatá-lo semana passada durante a VI Conferência Funk no Museu de Arte do Rio. O evento foi compactado dada a falta de financiamento, e o público foi um pouco menor, mas houve mais união e um pouco menos dissenso em vista da percepção de que afundamos no mesmo barco.

Fico feliz em ser confundido com meu amigo Carlos, e não me importaria de ser da Toscana, mas meu bisavô era de fato marchigiano.

Beijo,  
Carlos

### **Adriana Lopes da Cunha Moreira – 04/09 18:43**

Obrigada, Martha, pela oportunidade. Obrigada Palombini e Flávia pelas opiniões. Acordei inspirada e redigi uma mensagem longuíssima. Preparem-se!

Início parabenizando tanto a atual diretoria como todas as anteriores. Esse trabalho voluntário trabalhosíssimo das diretorias é de extrema importância para que todos possamos ter garantidas oportunidades de nos conhecer e reconhecer enquanto área, de maneira constante e presencial. Lembrando de todas as atuações da ANPPOM, no que se refere ao congresso anual, ao contato presencial anual com as diversas realidades dos diversos programas de pós-graduação brasileiros, às publicações, às listas de discussões, à interação com outras práticas artísticas via ARJ, à interação com instituições governamentais etc.

Em relação aos congressos, penso que a soma dos contatos profissionais e pessoais, estabelecidos tanto \*online\* como presencialmente, seja um privilégio do nosso tempo. Acredito que os congressos presenciais, concertos presenciais e aulas presenciais somados ao uso da tecnologia para “contatos imediatos” sejam uma boa opção.

Nesses momentos de autoanálise, creio que a soma de pequenas ações possam ter um resultado muito bom. Sendo assim e acreditando sempre a renovação das estruturas já existentes, sem que novas precisem desnecessariamente ser criadas do zero, seguem as minhas primeiras sugestões:

\*1. Envolvimento dos recém-doutores nas atividades avaliativas, organizativas e decisórias.\*

Atualmente os membros experientes da Associação estão mais envolvidos nas instâncias organizativas e os mais jovens participam como usuários. Acredito que ambos os estratos precisem ser envolvidos em todas as instâncias do congresso.

Testamos um formato na subárea de Teoria e Análise Musical deste ano. Os pares de avaliadores foram organizados de maneira que havia um parecerista recém-doutor e um experiente, sendo os eventuais desempates realizados por um parecerista experiente. Em geral, os pareceres foram mais completos em relação aos dos anos anteriores (na minha opinião), foram necessários poucos desempates e não tivemos reclamações dos autores. Com isso, os recém-doutores aos poucos vão entendendo como são feitos os trabalhos de fundo da Associação, vão ocupando as funções mais organizativas e vamos nos renovando.

Para que exista maior dinamismo nas comunicações, conferências e palestras em mesas redondas, os recém-doutores poderiam ocupar a posição de debatedores. Tivemos uma experiência muito positiva no EITAM4 do corrente ano, quando contamos com 3 debatedores (recém-doutores ou doutorandos) por conferência. Nos congressos da ANPPOM, os debatedores poderiam participar da escolha dos temas e dos conferencistas, manter contato com os palestrantes e debatedores durante os 2 meses que antecedem o congresso, discutindo previamente os temas, e levar preparadas perguntas a serem feitas aos convidados e autores durante suas apresentações no congresso. No EITAM4 as conferências já se iniciaram no nível alto que queríamos, sem exposições introdutórias desnecessárias, e as diversas interações com os presentes foram muito dinâmicas.

\*2. Os Grupos de Trabalho teriam uma função política, sendo mantido o espaço das comunicações para a função científica.\*

Esta sugestão foi trazida pelo GT5 deste ano, intitulado “Composição, Teoria e Análise Musical”, consta no documento de conclusão dos trabalhos e em breve estará no site da ANPPOM.

Essa instância da ANPPOM seria o espaço reservado para repensarmos constantemente a própria associação, os programas e a área de Música, propondo ações. Seria o espaço para que a troca de experiências entre os membros da ANPPOM pudesse redundar em alguma (pelo menos esperança de) atuação política estrutural. Acrescento aqui algumas sugestões de temas:

2.1 \* “A CAPES somos nós: sugestões para a próxima versão do Documento da Área de Música”\*, seria voltado a discussões de cada ponto do documento, incluindo sugestões que possam ser consideradas durante próxima a redação do mesmo, naturalmente sabendo-se que a área responde por uma parte do documento, sendo a outra parte de responsabilidade de instâncias técnicas da agência.

2.2 \* “Repensando as áreas de concentração e linhas de pesquisa dos Programas de Pós-Graduação em Música”\*, em que seria trazida pelos coordenadores do GT uma listagem das áreas de concentração e linhas de pesquisa de todos os programas do Brasil, além de exemplos de outros países, para que possamos pensar em transversalidades que acomodem com maior eficiência as nossas pesquisas individuais.

2.3 \* “Maior integração entre as Graduações e Pós-Graduações em Música”\*, em que problemas seriam diagnosticados e ações seriam propostas.

2.4 \* “Subáreas e temas das seções de comunicação da ANPPOM”\*, em que os próprios membros da Associação levantariam sugestões para a constante reelaboração das propostas para comunicações e painéis.

2.5 \* “Desafios e proposições dos Coordenadores de Pesquisa dos Departamentos de Música no Brasil”\*. Já que temos reunidos os coordenadores de pós-graduação e nem sempre os de pesquisa.

\*3. Haveria espaços para Recitais-Palestras, Oficinas, bem como outras atividades que venham a ser propostas pelos membros da ANPPOM.\*

Esta sugestão também foi trazida pelo GT 5 deste ano, intitulado “Composição, Teoria e Análise Musical”. Questionados a respeito da legitimidade dos estudos de caso trazidos por compositores, os presentes, ao invés de concordarem com sua extinção, sugeriram sua ampliação para Recitais-Palestras, em que a narrativa sobre a criação da obra seria seguida por sua audição. O mesmo talvez pudesse se aplicar às narrativas sobre a preparação da performance. Propostas de criação coletiva talvez pudessem estar abrigadas sob o espaço de Oficinas.

Assim, os diversos congressos focados que têm sido criados para tratar de assuntos específicos da área de Música não ofuscariam a atuação do nosso congresso pluri-trans-interdisciplinar no interior da área de Música, e cada membro poderia encontrar nos congressos da ANPPOM um espaço com o qual se identifique.

Vida longa à ANPPOM!

Adriana Lopes Moreira (USP)

### Angela Lühning – 05/09 08:18

Martha, grata pelo ponta pé inicial e aos colegas, grata pelas reflexões, em especial Adriana, pela inspiração matinal, a contextualização e as contribuições propositivas, que adorei. Acho que, além da importância dos encontros presenciais enquanto espaços de reflexão crítica e fortalecimento político enquanto área, um dos caminhos importantes é a inserção muito consciente de pesquisadores mais jovens em diversas funções, além das tantas outras questões e sugestões muito importantes levantadas por Adriana.

Mas queria ir mais longe na minha reflexão, também um pouco mais longa: No ano que vem teremos como data importante de reflexão os 30 anos de existência da ANPPOM. O que mudou ou não nestes 30 anos, seja em relação ao perfil dos seus associados ou aos contextos diversos ao nosso redor? E a final, qual a missão principal da ANPPOM e em quais aspectos ela seria diferente de outras associações da grande área de artes como a ABEM ou a ABRACE ou, então, teria questões e problemas em comum?

A resposta óbvia seria, tratar de questões de pesquisa e/em pós-graduação em música, já que foi para isso que ela foi fundada. Mas, se for isso mesmo, a maior parte dos docentes, discentes e ex-discentes não deveria dialogar com ela, de forma constante. E isso acontece? Analisando os números trazidos por Martha, não. Por que? Pergunto-me, o que desmotivaria as pessoas a irem mais do que uma vez ou só eventualmente para os encontros da ANPPOM. Não seria este o fórum para discutir a situação da pesquisa e da Pós em música no Brasil?

Será que outras associações com históricos e propostas parecidos também têm problemas parecidos com os da nossa associação? Qual seria a situação da ANPOCS, bem mais antiga, e a da ABRACE, bem mais nova? Ambas sambem mais maiores do que nos, a primeira pelo número de programas na área e a segunda por fazer muitas trocas com profissionais da área das artes cênicas, algo parecido com a atuação da ABEM que inclui muitos profissionais da educação básica. Mesmo assim, também há rotatividade de associados proporcionalmente? Há tantos problemas com inadimplência como nós temos?

Tem outro detalhe importante: diferente de 30 anos atrás hoje tem um número crescente de outras associações na área de música que se desdobraram da ANPPOM, pelo que parece. Foram os profissionais que as fundaram e levaram, provavelmente, seus alunos? Isso seria resultado do crescimento daria, o número de pessoas não cabendo mais na ANPPOM, ou seria o contrário, a ANPPOM não atendendo aos desejos e às necessidades das pessoas? Quantas associações novas são, afinal? Quantas pessoas pertencem só a elas, mas não (mais?) à ANPPOM?

Como último ponto, acho que é importante descobrir o que significa para as pessoas participar de um programa de pós-graduação, para docentes e discentes? Entre interesses (pessoais e coletivos), direitos, possibilidades e compromissos? A pesquisa continua associada aos programas de pós-graduação ou já está em outros níveis? Quais são os problemas atuais da Pós-graduação no Brasil, em geral, e em nossa área, em especial? Estas questões certamente são importantes para serem discutidas e que estão “no ar” desde a ANPPOM de Vitória, a partir da mesa com Samuel Araujo e Paulo Castagna que levou a uma discussão plenária muito intensa e foram retomadas de forma tão interessante na última mesa do nosso último encontro.

Logo minhas propostas para a ANPPOM 2018 e até lá seriam:

- 1) Fazer das questões colocadas por Adriana, bem como das colocadas acima, o tema do encontro: quem somos, a final, e para onde queremos ou precisamos ir?
- 2) Convidar para a reflexão contextualizada pessoas de outras associações de pós-graduação como ANPOCS, ANPED e ABRACE (sugiro visitar as páginas destas)
- 3) Convidar também representantes destas outras associações de música (a levantar) para pensarmos ações em conjunto e não de forma segmentada.
- 4) Conseguir fazer algum levantamento ou uma reflexão sobre a visão da geração mais nova sobre a ANPPOM, algo que cada docente poderia fazer com suas turmas e ter representantes de música de um das associações de pós-graduandos/as no próximo encontro.
- 5) Rever a política dos valores de anuidades e inscrições: obrigatórias para todos os sócios (ver aviso no site da ANPOCS) e valores baixos para estudantes de graduação.
- 6) Até lá fazer um levantamento prévio sobre outras associações que representam pós-graduações, seus perfis, problemas, associados, valores pagos
- 7) Até lá fazer um levantamento prévio sobre as associações na área de música, quantas são, desde quando existem, suas propostas, perfis, associados, anuidades etc.

Abcs

Angela Lühning

UFBA

**Angela Lühning – 05/09 15:27**

Colegas,

Esqueci de mais um aspecto que gostaria de acrescentar:

Perante as reflexões recentes e crescentes sobre pessoas egressas dos programas de pós (a exemplo do projeto PROCAD, coordenado por Cristina Tourinho, tema de um dos GT's da ANPPOM, além de vários outros trabalhos e publicações) gostaria de sugerir que para o encontro do ano que vem aprofundássemos estes levantamentos, em especial pensando naquelas pessoas que depois do mestrado/ doutorado não entraram na carreira docente em nível superior. Quais são as efetivas possibilidades de atuação profissional depois do mestrado e doutorado, entendendo o não ingresso em uma IES não como fracasso (perante às expectativas da CAPES), mas como alternativa real, viável e talvez até necessária, diante do atual cenário? Mas estamos pensando nesse cenário ao darmos nossas disciplinas e acompanharmos dissertações e teses?

Não dando tempo hábil para fazer disso um projeto com algum apoio e sendo a face menos visível da formação pós-graduada, seria muito legal se pudéssemos fazer desta questão uma pesquisa realmente coletiva e colaborativa entre os vários programas: cada um deles poderia levantar quais os caminhos profissionais, além da carreira de professor/a no ensino superior, que foram tomados pelas pessoas depois de concluir o mestrado ou doutorado. (Este levantamento poderia ser feito por grupos de atuais pós-graduandos/as e orientadores/as em

disciplinas como trabalho final). Os resultados deste grande levantamento coletivo com seus dados cruzados poderiam ser apresentados em uma mesa específica dedicada ao tema.

Abcs

Angela Lühning

**José Orlando Alves – 07/09 09:37**

Parabéns pelo excelente texto, Adriana!!! Assino em baixo também!

abr

Orlando

**Renato Borges – 07/09 18:08 [inclui errata de 11/09 18:28]**

Prezadas Adriana e Angela,

sou doutorando no PPGM-UNIRIO sob orientação da Prof. Martha Uihôa, no início do terceiro ano do curso, escrevendo tese sobre a pesquisa em música no Brasil. Acompanho as mensagens na lista, mas, como normalmente não me manifesto por aqui, achei que cabia uma apresentação.

Fiquei muito feliz com os seus e-mails, sobretudo nos tópicos sobre o estado do campo (2.2 do email da Adriana e questões trazidas pela Angela), pois boa parte do meu esforço de pesquisa tem sido dedicada, por incrível que pareça, a levantar dados que teoricamente seriam simples de termos à mão. Em relação a alguns PPG, dados como a quantidade de dissertações/teses defendidas ou o ano de implantação do programa são verdadeiros mistérios, apesar das várias tentativas em descobri-los. Curiosamente, essa semana mesmo eu estava terminando de preparar uma listagem de linhas de pesquisa de 14 PPG de música brasileiros, que apresentarei num colóquio na UNIRIO mês que vem. Envio a lista no final do meu email, para não perturbar a leitura da mensagem, já adiantando a questão 2.2 do email da Adriana.

A questão da rotatividade dos pesquisadores (ingressos e “desistências”) é algo que particularmente me interessa. Em comunicação escrita com Fernando Vago e apresentada no II Congresso da TeMA esse ano, apontamos o número de que, dos 220 autores que submeteram comunicações para Composição ou Teoria e Análise Musical na ANPPOM entre 2012 e 2016, apenas oito (3,6%) autores estavam presentes nas cinco edições e nada menos que 160 (72,7%) apresentaram em apenas um ano. A nossa comunicação no Congresso da TeMA tem muitos dados em relação a essas duas subáreas da ANPPOM em 2012-2016. Às vezes, ela tem número até demais, mas a ideia era de fato registrar informações que pudessem fundamentar discussões mais à frente. A professora Ilza Nogueira divulgou a publicação dos anais aqui na lista da ANPPOM há uns dois meses, mas segue o link para agilizar: [https://drive.google.com/file/d/0B25FEDImmu\\_uLVFwZOJDREZiQ3c/view](https://drive.google.com/file/d/0B25FEDImmu_uLVFwZOJDREZiQ3c/view). Nosso texto está na página 146.

Gostaria também de indicar, no mesmo link, a comunicação escrita pela Camila Durães Zerbini, Isabel Nogueira e Tânia Neiva, que discutem o próprio meio da pesquisa também.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de parabenizar a presença de debatedores nas conferências do EITAM4, relatado pela Adriana. Funcionou muito bem. O envolvimento prévio dos debatedores com os conferencistas permitiu perguntas muito pertinentes aos temas das conferências, assim como uma aproximação das falas originais com o nosso contexto (buscando

pontes para conhecimentos não usuais nas nossas discussões e expandindo as discussões com o que temos a oferecer). Espero que a ideia se espalhe!

Um abraço a todos,

Renato Borges

~

Linhas de pesquisa de PPG em música no Brasil (levantamento em 04/09/2017)

#### PPGMUS-UDESC

1. Processos e Práticas em Educação Musical
2. Música e Sociedade
3. Processos Criativos em Interpretação e Composição Musical

#### PPGMUS-UFBA [já corrigido segundo errata]

1. Composição e teorias da música: da criação ao ensino
2. Computação musical aplicada
3. Processos, práticas e métodos para formação em música
4. Práticas culturais musicais em perspectiva crítica
5. Processos e práticas em execução musical
6. Memória, documentação e interpretação histórica musicais e relativas à música

#### PPG MÚSICA-UFG

1. Música, Criação e Expressão
2. Música, Educação e Saúde
3. Música, Cultura e Sociedade

#### PPGMUS-UFMG

1. Educação Musical
2. Música e Cultura
3. Performance Musical
4. Processos Analíticos e Criativos
5. Sonologia

#### PPGM-UFPB

1. Processos e Práticas Composicionais
2. Processos e Práticas Educativo-Musicais
3. Música, Cultura e Performance
4. História, Estética e Fenomenologia da Música
5. Dimensões Teóricas e Práticas da Interpretação Musical

#### PPGMÚSICA-UFPR

1. Cognição/Educação Musical
2. Composição Musical
3. Musicologia / Etnomusicologia

#### PPGMÚSICA-UFRGS

1. Composição
2. Educação Musical
3. Musicologia/Etnomusicologia
4. Práticas Interpretativas

**PPGM-UFRJ**

1. Música, Educação e Diversidade
2. Etnografia das Práticas Musicais
3. História e Documentação da Música Brasileira e Ibero-americana
4. Poéticas da Criação Musical
5. Práticas Interpretativas e seus Processos Reflexivos

**PPGMUS-UFRN**

1. Processos e Dimensões da Formação em Música
2. Processos e Dimensões da Produção Artística

**PPGMUS-UnB**

1. Processos e produtos na criação e interpretação musical
2. Concepções e vivências no ensino e aprendizagem da música
3. Teorias e Contextos em Musicologia

**PPG em Música-UNESP**

1. (Mestrado) Abordagens históricas, estéticas e educacionais do processo de criação, transmissão e recepção da linguagem musical
2. (Mestrado) Epistemologia e práxis do processo criativo
3. (Doutorado) Música, Epistemologia e Cultura
4. (Doutorado) Teoria e Práxis do Processo Criativo

**PPG em Música-UNICAMP**

1. Estudos instrumentais e Performance musical
2. Música, Cultura e Sociedade
3. Música, Linguagem e Sonologia

**PPGM-UNIRIO**

1. Ensino-aprendizagem em Música
2. Etnografia das Práticas Musicais
3. Documentação e História da Música
4. Linguagem e Estruturação Musical
5. Processos Criativos em Música
6. Teoria e Prática da Interpretação

**PPG em Música-USP**

1. Teoria e Análise Musical
2. Musicologia e Etnomusicologia
3. Performance
4. Questões interpretativas
5. Música e educação: processos de criação, ensino e aprendizagem
6. Sonologia: criação e produção sonora

**Angela Lühning – 07/09 18:32**

**[alguns destinatários não receberam a msg anterior da Angela por algum problema técnico]**

Carolina e Pedro, seguem novamente minhas mensagens e, aproveitando, agradeço ao Renato pela descrição do processo de levantamento para o seu doutorado. Espero que possamos

trocar mais ideias e informações. Estou a sua disposição quando precisar, acho que tem várias questões a serem pensadas e a serem aprofundadas que são bem importantes para nossa área.

Abcs

Angela Lühning

### **Flavia Camargo Toni – 09/09 00:56**

Olá a todos, vou na linha dos colegas que se desculparam por não revisarem seus textos porque acho que o mais importante tem sido este espaço para conversarmos o que "esquecemos" de falar dias atrás lá na Unicamp, de maneira espontânea.

Quando o Mannis escreveu sobre a falta de representatividade política de nossa Associação eu me lembrei de um mecanismo meio perverso do qual temos feito parte, porque não me lembro de valorizarmos em nossos concursos de títulos o quesito "associações das quais o candidato faz parte", como fazem os colegas norte-americanos, por exemplo. Será porque entre nós não valorizamos a vida associativa, como perguntei anteriormente?

No entanto, ao discutirmos o esvaziamento dos congressos, me pergunto se isto é sintomático, se tem ocorrido em outras áreas, ou se é o nosso caso particular. Avancei um pouco na especulação e me pergunto se tem a ver com o fato de que hoje temos muitas revistas online que divulgam de forma bem mais eficiente aquilo que temos estudado, o que não acontecia há uns 20 ou 30 anos e faz com que não tenhamos mais certa "imediatez" para conhecer o que todo mundo e cada um estuda.

No entanto, quem participa de associações internacionais ou vai a congressos no exterior também se dá conta de que nas "Associações de Ofícios" há muitos temas que ajudam a esquentar o ambiente de discussão, como a presença de editoras especializadas e comitês representativos de associações próximas que participam de fóruns de debates; ou ainda o fato de que entre as realizações de dois congressos grandes as pessoas organizavam vários encontros regionais que aproximam os semelhantes, como por exemplo: curso de atualização em domínio X, Y ou Z.

Isto sem contar na organização de fundos para financiamento dos alunos que não tem bolsa ou dinheiro para participarem do Congresso, como por exemplo: brechó de livros e discos antigos com arrecadação doada para os alunos; rifa de qualquer coisa em bom estado, entre outras possibilidades.

Mas acho que não menos importante é a mediação que nós professores devemos estabelecer entre a Associação e nossos orientandos, incentivando-os e acompanhando o amadurecimento das reflexões que eles encaminham para os Congressos. Isto sem dúvida evita que alguns trabalhos sejam submetidos de forma prematura ou, eventualmente, sejam rejeitados pelos pareceristas.

E bom final de semana!

Flávia

### **Maria Lucia Pascoal – 11/09 17:14**

Cara Adriana,

Seu texto reflete muito bem as necessidades de Teoria e Análise e as nossas discussões no GT 2017! Obrigada!!

Agradeço tbm a Renato, que traz levantamento das PGs em música e todas essas obs. sobre ANPPOM. Parabéns !!!

Gde abraço,  
Maria Lúcia

### **Heloísa Valente – 16/09 11:19**

Bom dia Marta e todos,

Estive em viagem e não tive como responder. Não pude comparecer a este último congresso. Fiquei impossibilitada de comparecer ao evento, o que muito lamento. Ainda que minha resposta seja muito breve -e, tendo em conta os ricos comentários aqui já expostos- queria registrar apenas o seguinte:

Quanto à estrutura do congresso: talvez um evento de vários dias deva ser reduzido, tendo em conta os custos e dificuldade de ausência no trabalho por longo tempo.

Como sugestão, tenho em conta que a decisão de instituir grupos de trabalho somente pela Diretoria (que resulta de uma análise com base em debates nas assembleias e o que vem ocorrendo nos PPGMUSs) deveria contemplar também demandas da comunidade de sócios que habitualmente participam do evento. O Congresso constitui rara oportunidade para encontro de pessoas que têm dificuldades em se encontrar presencialmente. Como associação majoritária, os congressos da Anppom devem englobar várias áreas dos estudos sobre/ em música, oferecendo, assim, a ocasião privilegiada para tais encontros e diálogos.

Quanto à instituição, em si, creio que ela deveria abrigar todas as áreas e sub-áreas, independentemente do número de interessados/ participantes ativos. Deveria ser a instituição-mãe de todas as outras. Pessoalmente, tenho participado regularmente por anos consecutivos e percebo que a programação não atende a todas demandas, sobretudo no que tange aos estudos interdisciplinares.

Um dos porquês de uma suposta diminuição de interesse: Para além de razões financeiras e de campo (cf. Bourdieu...), é fato que congressos pouco valem para a pontuação nos sistemas de avaliação da Capes, ora implementadas. Tampouco as publicações em atas são consideradas relevantes. Isso deve estar pesando na hora de o associado selecionar o congresso da Anppom, quando há necessidade de optar entre esse e outros.

Mas, a despeito das determinações da Capes, sabemos o quanto é importante o encontro presencial e o quanto as publicações em atas atestam o 'estado da arte' nas diversas áreas da pesquisa em música. O que fazer? Talvez uma das medidas seja de atender a demandas da comunidade de associados. Talvez isso tenha sido debatido na última assembleia. Caso não tenha ocorrido, poderia ser feito através de um questionário, como este.

Concluo parabenizando pela iniciativa corajosa de efetuar este diagnóstico. Certamente, poderá contribuir para um aprimoramento na concepção das diretrizes desta Associação. Sobretudo, numa época em que instituições acadêmicas, legitimamente constituídas estão sendo desvalorizadas pelos órgãos gestores da federação, um fortalecimento é necessário.

Abraço cordial,  
Heloísa

### **Carlos Palombini – 17/09 09:21**

Dou prosseguimento às considerações da Heloísa e elaboro a questão da importância da Anppom de um ponto de vista mais pessoal. Comecei a participar da Associação em 1999, quando apresentei trabalho no XII encontro, em Salvador. Desde então, participei de todos ou quase todos os eventos como membro dos comitês científicos de entre uma e três áreas. Apresentei trabalho ainda no XIV Encontro, em Porto Alegre, em 2003 (o último "encontro"); no XVII Congresso, em São Paulo, em 2007; no XIX Congresso, em Curitiba, em 2009; e no XX Congresso, em Florianópolis, em 2010.

Por que não envio trabalhos para o Congresso desde 2012? Porque desde então me parece que o tempo e o dinheiro gastos em apresentações em congressos, incluída a elaboração da comunicação, não se justificam em vista da exiguidade dos tamanhos de texto e apresentação. Não me refiro exclusivamente aos congressos da Anppom, mas a congressos de modo geral.

Já se observou que a Anppom abrange uma diversidade enorme de sub-áreas. Se isso é positivo do ponto de vista da representatividade, não o é necessariamente do ponto de vista de quem participa de um congresso. Creio que, se mantivermos essa diversidade (e de outro modo a Anppom deixaria de ser a Anppom) será desejável que as sub-áreas sejam divididas de modo mais racional e representadas por um número mais equilibrado de trabalhos.

Quanto à questão da atuação política (no sentido amplo), também acho relevante que a entidade se posicione, como tantas outras o têm feito, inclusive a própria Anppom. O fato de sermos uma associação tão diversificada com integrantes com diferentes posições não deveria ser um problema, pois há diferentes maneiras de realizarmos votações.

Creio que a sugestão de Flávia, a do trabalho de base com orientandos e alunos, seja das mais pertinentes e simples de implementar.

### **Carlos Palombini – 17/09 11:13**

Desculpem o parcelamento dessa (auto)avaliação em duas mensagens. Me ocorre que pode ser interessante desenvolver dois pontos. Primeiro, de minha experiência de 16 anos como membro de comitês científicos dos Congressos, me fica a impressão de que haja a preocupação de dar vazão à produção dos PPGMs e assim justificar-lhes a existência e a da própria Anppom. Essa preocupação me parece supérflua visto que hoje boa parte dos PPGMs organiza eventos que podem cumprir essa função. Depois, a organização das áreas obedece critérios mistos, que incluem metodologias e referências teóricas; objetos de estudos; nem um nem outro; os dois. Se o Congresso deseja manter sua abrangência, me parece desejável que as sub-áreas se organizem em termos mais amplos a fim de evitar a fragmentação e dúvidas dos participantes quanto a se propõem seus trabalhos para esta ou aquela sub-área. Assim, por exemplo, musicologia pode (e a meu ver deve) ser entendida em sentido aberto, e não como musicologia histórica. No limite, ela pode abarcar musicologia histórica, teoria da música, análise musical, crítica, estética e etnomusicologia. Sei perfeitamente que ao dizê-lo provoco \*frissons\* nos ímpetos identitários dos representantes de cada uma dessas áreas, mas como conceber um

congresso que incluía sub-comitês e sessões para cada uma delas mais sonologia, educação musical, musicoterapia e música e interfaces, de 1 a X? Isso é possível, mas, em meu entendimento, a combinação de grande número de trabalhos e grande número de sub-áreas dilui o congresso enquanto evento científico, pois o que se vai encontrar ali é grande número de pessoas de grande número de sub-áreas remotamente relacionadas às preocupações de participantes individuais, que tenderão a preferir eventos menores e mais especializados nos quais terão maiores oportunidades de diálogos relevantes e suas participações serão mais valorizadas.

### **Carlos Palombini – 17/09 12:41**

Para terminar, explicitando o que ficou implícito na mensagem anterior. Me parece que a hipertrofia temática dos Congressos gere uma relação de pouco comprometimento com os mesmos, com o conseqüente esvaziamento da Associação. Isso, obviamente, é apenas uma hipótese.

### **Rodolfo Caesar – 23/09 09:07**

Olás,

agradecendo as msgs anteriores sobre o tema ANPPOM, minha sugestões: (Agradeço também à diretoria da Anppom por existirmos, e à coordenação do congresso na Unicamp pela última edição!)

- envolvimento de estudantes. Talvez pudéssemos pensar em aliviar o pagamento de taxas, tanto para graduandos como para pós-. Soube de estudantes que não puderam ir a Campinas por falta de recursos, ou que só puderam ficar um dia. Não podemos fazê-los pagar pela inadimplência. Os congressos da Anppom têm apresentado textos não só de pós-graduados e pesquisadores, mas de todos desde que passem pelos pareceres, o que é muito bom não só para estudantes, mas para provocar experiências acomodados. Para que isso continue, seria interessante desonerar os estudantes. (Aproveito para comunicar à administração da lista que muitos (ou todos os) estudantes inscritos recentemente não estão recebendo as msgs.)

- política. Sou a favor de menos timidez. Gostaria de ser/ter sido representado em inúmeras ocasiões nesses últimos anos. (Fora os sindicatos da UFRJ, a ANPPOM é minha única associação de classe.) Não me refiro apenas a esse tempo mais atual e mais problemático. Por exemplo, compareci uma vez a um GT de políticas públicas, cujo texto de conclusão, contundente, teria tido algum sentido se fosse publicado para além dos limites da prestação final no congresso em que se realizou. Sabemos que não vai ser um documento nosso que conseguirá remover as gentes no poder, garantir eleições, constituição, etc. E, se fossemos listar as desgraças atuais, esse trabalho seria interminável. Mas poderíamos ter sido mais presentes em casos em que nosso fazer e pensar está diretamente relacionado, tais como o feminicídio da nossa colega Mayara, os cortes nas verbas de fomento, o desmanche da UERJ, a publicação de declarações racistas de um 'maestro' em órgão de imprensa, etc. Acredito que a sensação de pertencimento a uma associação politicamente expressiva poderia até estimular a redução da inadimplência.

- setorização: concordo totalmente com o Palombini no que se refere às sub-áreas. Acho que, nesses tempos de dinâmica acelerada entre disciplinas, linhas de pesquisa e interseções, precisamos prestar mais atenção à formação de 'representatividades' verticais em detrimento

de interesses horizontais. É uma questão super-complexa, mas que não deve ser ignorada por esse motivo.

abs,  
Rodolfo

### **Carlos Palombini – 23/09 12:04**

Concordo com todas as suas sugestões, Rodolfo. E teria mais uma: a de que a participação na lista não dependesse de filiação. A lista da American Musicological Society funciona desse modo, embora, diferentemente de nossa, seja moderada e obedeça a um protocolo comparativamente estrito de normas. Desse modo, ela acaba por tornar-se menos um fórum da associação que uma plataforma de troca de informações entre especialistas em diferentes assuntos e interessados em geral. Abraço, Carlos

### **Sergio Abdalla Saad Filho – 23/09 13:45**

olá!

meu nome é Sérgio Abdalla e estou acompanhando com interesse essa discussão. envio este só para dizer que atualmente não sou filiado à ANPPOM (chequei a lista no site para ter certeza de não estar mentindo) mas mesmo assim recebo e posso enviar para essa lista. acho que o último ponto do Palombini, se entendi bem, já está resolvido!

abraços

–

Sérgio Abdalla

### **Isabel Nogueira, Camila Durães Zerbinatti, Joana Maria Pedro – 27/09 21:46**

Olá Martha,

Temos acompanhado a discussão sobre a ANPPOM, e gostaríamos de contribuir com uma percepção: a percepção da ausência do campo de música e gênero nos congressos da ANPPOM. Observando os trabalhos aprovados no congresso, vemos que os estudos que interseccionam música e gênero não estão presentes no congresso, e, conversando com as colegas da área, constatamos que várias delas enviaram trabalhos e estes não foram aprovados.

Seria interessante se pudéssemos ter a possibilidade de saber qual a relação entre os trabalhos enviados para o congresso e aqueles aprovados, para compreender como estão ou não presentes em cada uma destas etapas as temáticas, perspectivas e abordagens de gênero e também os trabalhos produzidos por mulheres – mas sabemos que não é possível neste momento proceder à este estudo.

Em geral, mas não ainda no campo brasileiro da música, o campo de estudos de gênero e feministas, caracterizado pela multi/trans-interdisciplinariedade, é um campo consolidado e reconhecido há bastante tempo como campo de produção de conhecimento, então, também seria importante saber, do ponto de vista epistemológico e metodológico, como têm sido feitas as avaliações dos trabalhos integrantes ou relacionados a esse campo que chegam para a avaliação pelos congressos da Anppom.

Em 2013, organizei, junto com Susan Campos, um livro sobre Estudos de gênero corpo e música e que foi editado na série pesquisa em música no Brasil, da ANPPOM.

Seria possível pensar que esta área começou, a partir deste momento, a ganhar mais presença e visibilidade na associação em seus congressos, mas isto não se concretizou como verdade, em nenhuma das áreas e subáreas do congresso.

No entanto, a área de estudos de gênero e feminismos tem uma história sólida e bem fundamentada, com significativa produção e presença em programas de graduação e pós graduação do Brasil e do mundo. O campo de música e gênero, especificamente, têm ampla consolidação e produção em vários outros países - embora em nosso país essa produção aconteça, em geral, predominantemente, mesmo que já há algumas décadas, em outras áreas, campos e programas de pesquisa que não a/os da música.

Tendo em vista que congressos da área de gênero no Brasil congregam em torno de cinco mil pesquisadoras e pesquisadores, como foi o Fazendo Gênero e Mundo de Mulheres, que aconteceu em julho/agosto na cidade de Florianópolis, ou o Desfazendo Gênero, que congrega mais de mil pesquisadorxs também, entendemos que a área apresenta interesse, pesquisas específicas e uma produção muito significativa, inclusive com intersecções em música, mas que não tem, neste momento, espaço em nossa associação. Pensamos, enviando este email, em colaborar com as discussões que vem sendo feitas sobre a associação, e sugerir uma reflexão sobre a necessidade de pensar sobre a exclusão e a recusa de trabalhos sobre gênero e sobre os trabalhos realizados por mulheres que tematizam a questão de gênero ou de história das mulheres na música.

Nesse sentido, e na direção já apontada aqui por outros/as colegas e especialmente por Rodolfo Caesar, lembramos aqui a violonista Mayara Amaral, e prestamos mais um tributo à sua memória e à memória do que ela fez, e das diferentes lutas sociais que travou e defendeu em vida, na música e também fora da música.

Gostaríamos de sugerir também, pontualmente, que possamos pensar que os congressos passem a ser estruturados por meio de simpósios temáticos, ou que possam ter a possibilidade de que estes aconteçam, onde os trabalhos poderiam ser enviados diretamente para os/as organizadores/as, como forma de oportunizar outras temáticas, e tornar o evento mais acolhedor para a diversidade de pensamento.

Agradecemos sua atenção.

Um abraço,  
Isabel Nogueira  
Camila Durães Zerbinatti  
Joana Maria Pedro

**Helóisa Valente – 28/09 10:00**

Bom dia, Isabel, Martha e colegas,

Concordo com as pontuações da Isabel e endosso que a realização de simpósios temáticos pode ser muito mais produtiva, em vários aspectos. Além das razões mencionadas e conhecidas por todos nós, tal procedimento evitaria a polêmica e desgastante situação que vem

ocorrendo com a atitude de alguns pareceristas, que vêm agindo de maneira obscura e pouco ética - situação, infelizmente, ainda não contornada pelas sucessivas Diretorias da Anppom...

A proposição de simpósios permite um acesso direto entre proponentes e coordenadores, permitindo um diálogo mais produtivo.

Isso vem sendo feito em outras associações com bons resultados.

Abraço a todos, Heloísa

### **Eliana Monteiro da Silva – 02/10 8:59**

Concordo e reforço as proposições das colegas Isabel, Camila, Joana e Heloísa.

O formato de simpósios temáticos, ou a adição dos mesmos ao formato tradicional do congresso, pode ampliar e dar oportunidade para a inserção de outros temas que já vem se mostrando relevantes em outros eventos acadêmicos - como as questões de gênero.

Como foi amplamente divulgado, em 2016 o Instituto Goethe encomendou e patrocinou uma pesquisa sobre a participação de mulheres nos Festivais de Darmstadt em seus 70 anos de existência e, ao concluir que esta presença representava apenas 7 % em relação aos 93% de autores, professores, premiados e participantes em geral do gênero masculino, comprometeram-se a tomar medidas afirmativas para reverter este quadro.

Em agosto de 2017 participei do III colóquio Ibermúsicas, no Chile, que também discutiu a temática de gênero na música com a presença de compositoras, intérpretes, musicólogas, antropólogas e sociólogas. Neste sentido, penso que a nossa associação tem se mostrado pouco atualizada e aberta às interseccionalidades e transitividades do fazer artístico, musical e investigativo.

Abraçar novas temáticas ajudaria a atrair mais pesquisadoras e pesquisadores à associação e aos eventos por ela promovidos, arejando nossas mentes e transformando assim nossos ambientes de trabalho.

Abraços,

Eliana Monteiro da Silva